

**MULHERES DA AMAZÔNIA NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-
BRASILEIRO**

**WOMEN FROM AMAZONIA IN ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-
BRASILEIRO**

Nilcimara de Vilhena Lima Caldas

Unifap

Germana Maria Araújo Sales

UFPA/CNPq

Resumo: O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (ALLB) foi uma publicação lançada em Paris, no ano de 1851, e circulou ininterruptamente até o ano de 1932. Editado em Portugal, o ALLB também circulou no Brasil e nas então colônias portuguesas na África. No Brasil, aliás, o referido almanaque teve um grande sucesso de circulação ajudando na constituição de laços culturais e linguísticos entre Portugal e Brasil, como já indicavam seus editores nos primeiros números de sua publicação. Na comparação entre pessoas que colaboravam para esse almanaque, o número de mulheres escritoras (chamadas de “Senhoras”) é bem menor em relação à colaboração masculina (tratados como “Autores”). Com exceção do seu número inaugural, todas as demais edições fazem parte do acervo do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), órgão da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa. O CLEPUL tem se ocupado, dentre outros projetos, em construir um importante acervo descritivo e, sobretudo, analítico sobre almanaques em língua portuguesa. Assim, este trabalho tem como objetivo principal apresentar parte da produção textual de mulheres amazônicas, tomando como corpus a produção de poesias. Trata-se de uma pesquisa documental (cuja fonte é o próprio *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*) e de uma pesquisa bibliográfica, onde será levada em consideração a análise de teóricas relevantes (CHAVES, 2011; DUTRA, 2011; LOUSADA & CARDOSO, 2012) sobre o mesmo objeto e em diversos aspectos.

Palavras-chave: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; escrita feminina; Amazônia.

Abstract: The *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (ALLB) was a publication launched in Paris, in 1851, and circulated uninterruptedly until 1932. Published in Portugal, the ALLB also circulated in Brazil and in the Portuguese colonies in Africa. In Brazil the referred almanac had a success circulation helping in the cultural and linguistic constitution between Portugal and Brazil, as already indicated by its editors in the first numbers of its publication. In the comparison between people who contributed to this almanac, the number of female writers (called “Ladies”) is much smaller in relation to the male contribution (treated as “Authors”). With the exception of its inaugural number, all other editions are part of the collection of CLEPUL (Center for Lusophone and European Literature and Culture), an organ of the College of Letters, University of Lisbon. CLEPUL has been engaged, among other projects, in building an important descriptive and, above all, analytical collection on almanacs in Portuguese. Therefore, this work have as main objective to present part of the textual production of Amazonian women, taking the production of poetry as a corpus. This is a documentary research (where the source is the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*) and a bibliographical research, where the analysis of relevant theories will be taken into account (CHAVES, 2011; DUTRA, 2011; LOUSADA & CARDOSO, 2012) on the same object and in different aspects.

Key-words: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; female writing; Amazon.

Recebido em 06 de setembro de 2023
Aprovado em 30 de dezembro de 2023.

Introdução

A intenção deste trabalho é examinar a presença de escritoras que, a partir de localidades do norte do Brasil, publicaram textos de gêneros variados e colaboraram com o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Trata-se de uma pesquisa no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – vinculada à linha de pesquisa Literatura, Cultura e Memória – que, por sua vez, é parte das reflexões teóricas propostas no segundo capítulo da dissertação intitulada *Mulheres da Amazônia no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Assim, este estudo procura elaborar uma reflexão crítica com foco na escrita feminina das colaboradoras do espaço amazônico para o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Nesse caso, questionar as formas de dominação masculina de escritores sobre as mulheres que também produziam textos literários (sendo também escritoras, mas ainda não reconhecidas como tal) parece ser uma maneira de produzir uma reflexão não apenas sobre o contexto brasileiro no período de vigência do citado Almanaque (entre os anos de 1851 e 1932), mas também estender essa prática, que também é epistemológica, no contexto do Brasil contemporâneo. Afinal, ainda hoje as mulheres – não apenas no campo literário ou artístico – são postas de lado por serem consideradas “menores” em relação à produção masculina.

1. A produção feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

É Vania Chaves (*in Revista Navegações*, v. 4, n. 2, 2011, p. 187) quem nos oferece uma boa caracterização do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (ALLB): “ele deve ainda ser enquadrado no subgrupo de almanaques literários, por apresentar, além de vasta informação prática para o ano vindouro, passatempos, textos muito variados sobre os diversos campos do conhecimento humano”. A mesma autora continua apresentando essa espécie de radiografia do ALLB, feito de “composições literárias em verso e em prosa, bem como artigos de natureza histórico-crítica sobre autores e obras da literatura universal”. Assim é o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – uma publicação que se ocupa de diversos gêneros textuais, mas que, a rigor, privilegia a produção masculina em detrimento da feminina no rol de seus colaboradores.

Diante do privilégio masculino como gênero único de colaboradores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, as mulheres passaram a ter seus textos como colaboradoras apenas a partir do ano de 1854 – quando os três primeiros números da referida publicação contavam apenas com a produção e a colaboração masculina (portanto, de 1851 a 1853). Nesse momento, as chamadas pioneiras nessa colaboração feminina foram Antonia Gertrudes Pusich, Maria Rita Colaço Chiappe, Elisa Morin e um pseudônimo que assina como “Obscura Portuense” (Cf. CHAVES. *Op. Cit.*, p. 189). No caso do espaço amazônico, com a inserção da escrita de mulheres que se inserem nesse lugar a partir do qual elas enviam suas colaborações, as edições do ALLB dos anos de 1856 e 1857 são as mais recuadas onde se pode encontrar esse tipo de referência (Cf. CALDAS, in *Revista Aninga*, n. 1, v. 1, 2014, p. 77). Também nas edições dos anos de 1885, 1895, 1902, 1907 e 1908, além dos números entre 1929 e 1931 (este que é o penúltimo número do *Almanaque*), é possível encontrar referências de colaborações femininas a partir do espaço amazônico no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (*Id. Ibid*).

Chaves (*Op. Cit.*, p. 189) aponta ainda um fato interessante que ajuda na reflexão sobre a dominação masculina – conceito aqui tomado de Pierre Bourdier (2002) – e suas formas de consolidação e manutenção desse poder de gênero: trata-se da maneira como os homens eram tratados quando colaboravam para o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Assim, os homens que escreviam e colaboravam para o ALLB eram chamados de “Autores”; enquanto as mulheres na mesma condição (escritoras colaboradoras do *Almanaque*) eram tratadas como “Senhoras”. Assim, as mulheres escritoras eram representadas no Almanaque como “senhoras” que eventualmente escreviam algo que o Almanaque publicava; enquanto os homens eram simples e categoricamente representados como “Autores” (revestidos, inclusive, de certa autoridade para assim se denominarem, reforçando o que historicamente já estava consolidado – o homem tinha autoridade para escrever textos, ao passo que a mulher ainda não gozava dessa condição).

Essa preponderância masculina que se revela em muitos aspectos do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – desde seus editores, todos homens, desde o primeiro até o último número em 81 anos de edições ininterruptas, até a grande maioria de colaboradores (homens) em detrimento da produção feminina – se mostra também numa esfera mais subjetiva e representativa da referida publicação, tal como aponta Laura Areias (in *Revista Navegações*, v. 4, n. 2, 2011, p. 193), ao informar que a “galeria de

perfis femininos emergentes do ALLB revela a preponderância de um olhar masculino na apreciação dos seus próprios valores, conveniências, tendências sentimentais e eróticas, que convergem nas mulheres poetizadas”.

Assim, em geral, temos uma figura feminina que aparece sendo representada pelo discurso masculino presente no próprio *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. No caso desta proposta de estudo, a ideia seria revelar a representação feminina (de escritoras situadas no espaço amazônico) presente em seus próprios escritos; o que pode ser um elemento contrastante com a visão masculina sobre a mulher.

Em *Mulheres que dão a cara: as senhoras do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, as autoras Isabel Lousada e Solange Cardoso (2012) são mais incisivas na relação desigual de tratamento entre escritores e escritoras que colaboravam com o ALLB, ao indicarem que a “separação feita entre ‘Senhoras’ e ‘Autores’ aponta para uma clara misoginia em que existe um real afastamento com delimitação bem definida de poderes entre o universo masculino e feminino, entre o ‘aceitável’ e o ‘reprovável’”. As mesmas autoras continuam sua análise dos elementos contrastantes do ALLB, na relação de poder exercida pelo gênero masculino sobre o feminino, considerando que tal quadro “fica evidente nos valores apurados para as colaborações: 28 senhoras e 258 autores”.

2. Breve apanhado das mulheres da Amazônia no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro

Então, para dar início ao quadro analítico das mulheres que colaboraram no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, escrevendo a partir de diversos lugares da Amazônia, foi feita uma varredura em todos os volumes do Almanaque, desde o número inaugural (1851) até seu último número (publicado em 1932). Ao todo, como já apontamos, são 81 volumes do ALLB publicados ininterruptamente. Mas a escrita feminina não aparece em todos os números dessa publicação. E, quando é feito o recorte geográfico para averiguação das participações de mulheres a partir da Amazônia, essa presença feminina torna-se ainda mais restrita.

Como já indicamos aqui neste trabalho, somente a partir do ano de 1854 (portanto, no quarto número do ALLB) é possível verificar a colaboração de mulheres. Isto quer dizer que os três primeiros números dessa publicação (de 1851 a 1853) só puderam contar com participação masculina. A primeira colaboração de uma mulher que escreve da Amazônia para o ALLB é por conta de Matilde Coelho Pestana, que publica em 1856 o

texto “A cerejinha milagrosa”, a partir de Santarém, no Pará. A mesma autora também publicaria outro texto na edição do ano seguinte (1857).

A partir dessas primeiras participações de Matilde Coelho Pestana, mulher pioneira na colaboração de textos ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, percebemos um hiato de décadas até novas participações dessas mulheres a partir de lugares da Amazônia na referida publicação (mais precisamente entre as edições de 1858 e 1882 – esse é o longo período sem participação de mulheres da Amazônia no ALLB). Tal participação seria retomada em 1883 com duas ocorrências: um texto de Dionísia das Flores Moraes (escrevendo de Cametá, no Pará) e Sara Matilde N. Júlio (do “Pará”, sem indicar localidade específica).

A partir dessas participações de 1883, percebe-se uma constância de autoras da Amazônia no ALLB. Sim, neste trabalho, chamaremos essas mulheres pelo nome que achamos adequado: “escritoras” ou “autoras” – diferentemente dos homens que as chamavam de “Senhoras”, negando-lhe a função de sujeitos da intelectualidade à época. Então, temos uma participação ininterrupta de mulheres escritoras, que colaboram a partir da Amazônia, no ALLB desde 1883 até 1890. O ano seguinte não possui qualquer participação dessas escritoras, o que é retomado em 1892. Também nas edições dos anos de 1895 e de 1897 não é possível perceber colaborações de escritoras da Amazônia no *Almanaque de Lembranças*. Daí em diante, sempre teríamos a participação dessas mulheres no *Almanaque* até seu último número de 1932, com exceção do ano de 1911.

Para efeito de número de participações de mulheres que escrevem a partir de lugares da Amazônia no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, impõe-se o nome de Henriqueta Freire, que escreve de duas localidades do Amazonas (Água Preta e Urucará). Essa escritora colabora com textos em todas as edições do ALLB desde 1909 até 1932, com exceção do ano de 1911, que – como já indicamos – não possui participação de qualquer escritora da Amazônia. No total, Henriqueta Freire possui 28 publicações no *Almanaque de Lembranças*, sendo a mulher da Amazônia com o maior número de textos publicados no referido *Almanaque*.

Além de Henriqueta Freire, também merecem destaque as seguintes escritoras que colaboram com o *Almanaque de Lembranças* a partir de diversos lugares da Amazônia: são elas, Pepa Rodrigues (de Belém, Pará), com 10 textos publicados ininterruptamente entre os anos de 1914 e 1923; a já citada Dionísia das Flores Moraes (de Cametá, no Pará), com sete textos publicados entre as edições de 1883 e 1888, sendo que no ano

anterior essa escritora possui duas publicações, considerando uma na edição suplementar de 1887; Virgínia Faria Alves da Cunha (de Belém, Pará), com sete publicações esparsas entre os anos de 1898 e 1907; e Rosa da Mata (de Manaus, Amazonas), com seis textos publicados interruptamente entre as edições de 1914 e 1921 do Almanaque de Lembranças.

3. O lugar da mulher na gramática do poder do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Nesse caso, ao pensar no espaço literário e cultural ocupado pelas mulheres que colaboram em diversos números do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – fato que mobiliza reflexões sobre elementos representativos e simbólicos sobre o gênero feminino num espaço de dominação masculina – emerge a necessidade de discutir sobre o conceito de gênero a partir de uma perspectiva feminista. Assim, a noção de gênero na Linguística, por exemplo, distinguia a ideia de sexo (natureza) e cultura (sociedade), donde o primeiro exemplo (distinção sexual) seria imutável e o segundo (cultural), mutável. A Antropologia, por seu turno, toma o conceito de *gênero* considerando o “sistema gênero-sexo” como uma constituição simbólica social e historicamente experimentada. Nesse caso, o gênero seria uma experiência simbólica do sujeito, que é social e inserido historicamente em um contexto e um tempo. Já nos Estudos Literários, a ideia geral sobre os gêneros literários indica a presença de uma forma de escrita literária que, de muitas maneiras, aponta para a ideia de “pureza”, quando a comparação entre essas formas é elaborada, gerando características, tradições, cânones e especificidades na prosa e na poesia – um caminho indicado pela normatividade.

Por outro lado, o estudo dos gêneros, inclusive os literários, deve levar em consideração o aspecto da *transgressão* às normas como metodologia. Isso porque os gêneros (mesmo os literários) são baseados em relações de poder. Tal linguagem já aparece na formulação da Gramática como normatividade: como exemplo dessas relações de poder, podemos citar elementos como *termos essenciais da oração*, os quais se contrapõem aos *termos acessórios da oração*. O mesmo movimento pode ser pensado em relação à *oração principal*, que se insere na comparação com a *oração subordinada*. Essa é uma demonstração de como o estudo de elementos gramaticais pode servir para reflexões sobre relações de poder já presente na ação linguística da comunicação humana.

No livro *Palavras da Crítica*, organizado por José Luís Jobim (1992), o verbete “Gênero”, escrito por Maria Consuelo Cunha Campos, aponta para uma espécie de ilusão das unidades (masculino e feminino) equivalentes. Assim, a autora do referido verbete indica uma “diferença hierarquizada em vista de poder” (in JOBIM [org], 1992, p. 112), que deve ser levada em conta na análise de elementos que, muitas vezes, são tomados como se estivessem no mesmo nível de comparação, mas na realidade, por diversos aspectos, refletem uma hierarquização, como no próprio caso da comparação entre o masculino e o feminino. E essa parece ser a conclusão a que se chega quando se compara a produção dos homens no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* com a produção das mulheres na mesma publicação.

Os dados mostrados a partir da leitura e do mapeamento de todos os 81 volumes do ALLB mostram a produção dos “autores” como “naturalmente” superior (o ser forte *em si*), não apenas em volume, mas também no conteúdo que geralmente é produzido por homens, em comparação à produção das “senhoras” (inferior porque é frágil *em si*). Dessa forma, se na Língua Portuguesa, a marca do masculino é independente, existindo *em si*, a marca do feminino depende da desinênciã “a” ou do marcador do artigo (feminino). Essa mesma lógica explicaria simbolicamente a condição de “autores” para os homens que escreviam no ALLB e de “senhoras” para as mulheres que colaboravam nessa mesma publicação. Em outras palavras, o feminino e o masculino não estão em igualdade de condições nesse processo de comparação; assim como podemos indicar que tal condição é reflexo de uma ordem social que privilegia os homens em detrimento das mulheres, revelando-se machista e sexista, muitas vezes.

4. Modos de ler na perspectiva da Crítica Feminista

Graças aos estudos críticos da Teoria Feminista, pudemos chegar à conclusão de que *gênero* não é sinônimo de *sexo*, mas revela uma “experiência social e pessoal de um e outro sexos” (CAMPOS, in JOBIM [org], 1992, p. 113). Dessa forma, o Gênero constitui uma categoria analítica que se desenvolve a partir do pensamento feminista (anos 1980), apontando para uma “categoria indicadora de diferença” (*Idem*, p. 113); uma “diferença hierarquizada” (*Idem*, p. 115).

Nesse caso, podemos considerar que se a dominação masculina é universal nas sociedades, ela também se constitui como algo “naturalizado”. No livro *As estruturas elementares do parentesco*, de Lévi-Strauss (1982), emerge uma questão interessante que

pode ser útil para as reflexões sobre o tema do gênero como conceito. A questão que se impõe é: a interdição do incesto não seria uma projeção da subordinação feminina pelo homem? Pois elas (as mulheres) são objeto de partilha entre os homens: o corpo feminino passa a ser usado como moeda de troca para e pelos homens, tornando-se um objeto manipulável. Além disso, na narrativa bíblica, a figura de Eva – nascida, aliás, de uma parte do corpo do primeiro homem (Adão) – seria a responsável pela maldição (punição divina a partir da quebra de uma regra) que recai sobre toda a Humanidade.

No campo dos Estudos Literários, a crítica feminista acaba por gerar alguns impactos, tais como considerar o Gênero como categoria fundamental (a partir da Teoria Feminista), provocando profundas alterações na forma de reler a tradição literária ocidental. Parte-se da premissa de que obras primas do cânone literário ocidental são consideradas misóginas pelo fato de, muitas vezes, reforçarem o discurso e a própria prática de ódio contra as mulheres.

Nesse contexto, existem formas de submissão social que tornam a mulher um objeto manipulável, tal como ocorre na narrativa de Lévi-Strauss percebendo a mulher como um corpo cobiçado pelo homem e, nesse caso, valorizado como moeda de troca. Essa misoginia pode ser expressa no patriarcado, no machismo e no feminicídio – última instância da escalada de violência a que a mulher, seu corpo e suas diversas formas de expressão e subjetividade são submetidos.

Nessa perspectiva, também existem formas de submissão literária: seja pela quantidade ínfima de autoras mulheres em relação ao número de autores homens, seja pela maneira como personagens femininas têm sido estereotipadas (“mulheres-anjo” ou “mulheres-monstro”), revelando a consolidação de um pensamento androcêntrico, que nada mais é do que o reforço da ideia produzida pelo homem sobre si como figura central a partir da qual devem gravitar diversos tipos de narrativas e discursos, todos eles convergindo para a ideia do poder masculino.

Segundo a crítica feminista, as “escritoras produzem uma literatura *toda sua* [grifo meu], obscurecida [...] pelo predomínio dos valores patriarcais da cultura” (CAMPOS *in* JOBIM. *Op. Cit.*, p. 116). O grifo da autora faz referência à obra *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf (obra originalmente publicada em 1928), que trata da condição feminina no contexto de sua produção literária. Entretanto, o estabelecimento do cânone literário despreza solenemente a contribuição feminina.

Nas diversas possibilidades de leitura, ou releitura, que uma obra evoca, impõe-se um desafio teórico-metodológico da crítica feminista: quais são as alternativas para enfrentar essa hegemonia masculina a partir do cânone vigente? Temos como esboço de resposta a possibilidade de desconstrução das imagens “femininas” e fragilizadas das chamadas obras clássicas da Antiguidade Ocidental. Isso significa a inclusão de autoras a partir de uma revisão literária, além da descoberta ou reedição de autoras “desconhecidas” pela tradição crítica androcêntrica.

O estabelecimento de uma tradição literária feita por mulheres significa considerar que as próprias autoras definiriam os pressupostos teóricos das respectivas obras, considerando o reexame, pelo viés feminista, dessas obras. Assim, a crítica feminista procuraria isolar os elementos de diferenças éticas, de classes sociais e de orientação sexual. Nesse aspecto, vale a pena pensar numa crítica ao feminismo heteronormativo, branco de classe média, de linha europeia ou norte-americana, em contraposição ao feminismo camponês, latino-americano, indígena (portanto, fora dos eixos geográficos, burgueses e, portanto, “aceitáveis” desse feminismo). Nessa configuração, outro *ethos* acadêmico se faz necessário para essa postura teórico-metodológica, conforme temos descrito.

Mesmo com algumas divergências entre linhas diferentes do pensamento feminista, como o francês e o anglo-americano, o método de análise da Teoria Feminista passa pelas condições sociais e psicológicas da mulher num contexto de revisão do cânone literário, crítica ao pensamento burguês e pela revisão do discurso literário e filosófico ocidental, como forma de transgressão da própria tradição iluminista, racional e androcêntrica.

A proposta de um exercício de reflexão que compreende a opressão feminina como reflexo “da projeção da economia libidinal masculina em sistemas patriarcais” (CAMPOS *in* JOBIM. *Op. Cit.*, p. 119) – tais como na linguagem, no capitalismo e no socialismo – concorre para a revisão dos valores baseados na centralidade masculina como o gênero exemplar e desejável.

A definição de uma autoria feminina dependeria, nesse contexto, da *fundação* (busca) de um novo modelo de legitimação (escritoras precursoras). Mas não seria só isso: os escritores (homens) deveriam operar uma revisão em relação à escrita produzida por mulheres (escritoras), e isso é revelador de um problema cuja solução estaria na prática de leitura e em novas e outras premissas de valorização do texto literário elaborado por

mulheres. Só que essa legitimação também dependeria de uma espécie de “aval” masculino, trazendo a essa visão uma abordagem um tanto ingênua, levando em conta a configuração de uma sociedade machista de onde deveria emergir e circular essa escrita feminina com viés feminista.

Trata-se da relação entre o *modo de ler* (considerando os critérios da Teoria Feminista, por exemplo) e o *que se lê* (textos produzidos por mulheres – autoria feminina). O contexto de produção e circulação desse tipo de produção ainda seria o valorizado pelo cânone ocidental androcêntrico, cuja premissa ainda passaria pelos sistemas de parentesco indicados por Lévi-Strauss (1982). Tal procedimento configurado pelos modos de ler um texto literário (tarefa básica da crítica literária) organiza a experiência de leitura e cumpre-se como “instrumento de uma política sexista”, confirmando a superioridade (dominação) masculina em relação à mulher.

Assim, “o que se ensina a leitoras não é ler textos, mas [...] paradigmas tendentes à reprodução canônica de outros textos androcêntricos e [tendentes] à exclusão dos demais” (CAMPOS *in* JOBIM. *Op. Cit.*, p. 122). É dessa lógica que a Teoria Feminista tenta sair, o que se configura no desafio de todos/os os/as leitores/as.

Considerações Finais

Encontrar um lugar para a escrita feminina ainda parece, neste quase um quarto do século XXI, uma tarefa difícil que requer movimentos específicos e métodos claros para a análise do material literário produzido por mulheres. Em comparação com a escrita masculina, bastava demonstrar a literariedade desses escritos para que a aceitação no circuito de produção, divulgação e recepção desses textos fosse acatada. Em outras palavras, a obra masculina é aceita “naturalmente”, mas a produção feminina parece, muitas vezes, carecer de justificativas, critérios, análises mais bem assentadas em determinadas regulações para “furar a bolha” de uma recepção de nicho – uma escrita de mulheres para mulheres.

Ao tomar o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* como objeto de investigação, percebe-se, de maneira mais clara, a ocupação dos espaços culturais, letrados e intelectuais operada pelos homens (“autores”) e pelas mulheres (“senhoras”) que colaboravam para com aquela publicação. Os resultados, mesmo que provisório, indicam um claro privilégio da posição masculina como sujeito e de sua condição de produtor de textos os quais lhe conferem o *status* de “autor”. Em termos de comparação

com a mesma condição feminina (subjetividade e posição cultural numa sociedade letrada, durante o período de circulação do ALLB), a mulher não é “autora”, mas “senhora” – uma dama respeitável que, talvez por benevolência dos homens que sempre dirigiram o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e daqueles cuja produção literária nunca foi questionada, tampouco seu *status* de “autor”, poderia participar do rol exclusivo das colaboradoras para o sucesso da referida publicação.

Essa condição extremamente desigual entre a produção masculina e a feminina no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – tanto em termos quantitativos quanto em razões estéticas – não deve ser entendida como uma situação pontual ou isolada, mas como um sinal inequívoco de como a sociedade brasileira estabelecia parâmetros de lugares que deveriam ser ocupados por homens e mulheres em diversos ramos da vida comunitária, inclusive o campo das letras. Resta saber em que medida esses critérios ou seus resultados ainda permitem criar condições para um retrato da produção feminina no Brasil contemporâneo.

Referências

AREIAS, L. Um certo olhar sobre as mulheres: alguns perfis femininos no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Revista Navegações*, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2011, p. 193-198.

BOURDIER, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CALDAS, Y. Presença da Amazônia no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro: apontamentos descritivos para um guia futuro. In: *Revista Ininga*, v. 1, n. 1, segundo semestre de 2014, p. 75-80.

CHAVES, V. Notas para o estudo da presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Revista navegações*, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2011, p. 187-192.

COELHO, N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2011*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

JOBIM, J. (Org.). *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LEVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOUSADA, I.; CARDOSO, S. *Mulheres que dão a cara: as Senhoras do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.